

Antunes Filho, privilégio entre nós

(texto produzido/difundido pelo site São Paulo Escola de Teatro/Secretaria de Estado da Cultura, por ocasião do Dia do Teatro-2012)

Temos gênios entre nós, é um dos privilégios da espécie reconhecê-los, testemunhar seu trabalho em períodos de convivência mútua. Em silêncio ou com alarido, reconhecer-lhes a condição humana como artífices do que nos escapa, construtores do que ainda não sabemos, do que ainda está por aí- caminhando pelo ar - para ser amalgamado em arte.

Temos Antunes entre nós, uma dádiva- seca, séria, cortante, de inteligência corruscantemente bela, conduzida pela crença no trabalho a inventar o espaço do ainda não realizado.

Entre tantas de suas criações, “Macunaíma” (1978) era uma aparição, uma *epifania* de gente da cena. Assisti várias vezes da platéia e depois pendurada no balcão (acho que uma frisa do Teatro São Pedro/SP), prestando atenção no desenho que restava do conjunto, impresso no branco na retina e no palco. Já tinha olhos para analisar a dança que resta em e de cada corpo.

O rastro era reto e barroco, mistura de moderno com um Brasil tropical de São Paulo. Depois muitas cenas se nos apresentaram, todas de um apuro e profissionalismo sem par, até o presente que foi o seu “Romeu e Julieta” (1984).

Na roda- que-roda conduzida por Julieta, havia uma parada para suspensão de um momento de arte, arena de dança (e de teatro).

Coloquei uma série de fotos desta peça no livro “Imagens da Dança em São Paulo” (IDART/IMESP, 1987). Pouca gente entendeu e perguntavam: “ _ O que fazem fotos de teatro em um álbum de dança?”.

Para mim era (e é) dança. Quem concordava com a inserção só acenava a cabeça- sem palavras- gesto de silêncio sonoro-, como em apoio tácito ao registro de um momento inaugural - dança feita por atores, linda, fluída, gigante.

Pina Bausch (1940-2009), perguntada sobre “o que de fato fazia”, um dia respondeu que fazia teatro dançado por bailarinos.

Antunes muitas vezes continua a fazer dança feita por atores, como em “Paraíso Zona Norte”, “Nova Velha Estória”, “Macbeth – Trono de Sangue” , “Vereda da Salvação” , “Fragmentos Troianos” , “Antígona”.

Para nós, da dança, para além de sua genialidade de diretor, professor, homem de teatro, a fecundidade de sua obra aí também reside, e sobre o tema talvez tenhamos poucas palavras a dizer.

Talvez devéssemos correr com a sua Julieta, em dança de roda-vida, corupio de juventude e esperança.

Seria todo um **debate-em-ação** – texto, ensaio, verbete, tese, considerações de verbo incrustado em carne-, sobre um genial diretor que transforma atores que, em cena, são representantes das muitas artes do espetáculo.

São Paulo, março de 2012

Cássia Navas